

OS TRIÂNGULOS ROSAS: A PERSEGUIÇÃO E AS VIOLÊNCIAS CONTRAS GAYS NA ALEMANHA NAZISTA, NO CONTEXTO DA 2ª GUERRA MUNDIAL

THE PINK TRIANGLES: PERSECUTION AND VIOLENCE AGAINST GAY PEOPLE IN NAZI GERMANY, IN THE CONTEXT OF THE 2nd WORLD WAR

Enzo Vinícius Vieira¹

Paulo Rogério Melo de Oliveira²

RESUMO: A perseguição dos gays, no regime nazista e no contexto da Segunda Guerra Mundial, ainda é um tema negligenciado pela Academia. Com a presente monografia nos propomos entender como e de que maneiras os homens gays foram perseguidos na Alemanha nazista, antes e durante a Segunda Guerra, e mostrar as diversas formas de violências e humilhações que sofreram nos Campos de Concentração, onde eram identificados com um Triângulo Rosa. O tema nos permite revisitar a experiência nazista e a Guerra, explorando um ângulo de observação praticamente ignorado no campo das Relações Internacionais. Em termos teóricos, a perseguição aos gays foi analisada com base na teoria *queer*, que nos permitiu entender as razões da perseguição praticada pelos nazistas, que consideravam os homossexuais uma ameaça à moral, à unidade e a força do exército e da sociedade alemã. O método empregado foi o qualitativo, com o emprego de técnica de pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Alemanha Nazista; Perseguição; Gay.

ABSTRACT: The persecution of gays during the Nazi regime and in the context of World War II is still a topic neglected by academia. With this monograph, we aim to understand how and in what ways gay men were persecuted in Nazi Germany before and during World War II, and to show the various forms of violence and humiliation they suffered in the Concentration Camps, where they were identified with a Pink Triangle. The theme allows us to revisit the Nazi experience and the War, exploring an angle of observation that is practically ignored in the field of International Relations. In

¹ Mestre em Gestão de Políticas Públicas (Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI), Mestre em Tecnologias e Políticas Públicas para Gestão Ambiental (Universidad de Alicante), Pós-graduando em Direito Internacional (Pontifícia Universidade Católica - PUC MINAS), Bacharel em Relações Internacionais (UNIVALI).

² Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É professor do Programa de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas (PMGPP), do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação (PPGE), do Programa de Pós-Graduação em Direito das Migrações Transnacionais (PPGDMT), da Especialização em Relações Internacionais Contemporâneas e dos cursos de História e Relações Internacionais da UNIVALI.

theoretical terms, the persecution of gays was analyzed based on queer theory, which allowed us to understand the reasons for the persecution practiced by the Nazis, who considered homosexuals a threat to the morale, unity and strength of the German army and society. The method used was qualitative, with the use of bibliographic research techniques.

KEYWORDS: Nazi Germany; Persecution; Gay.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da experiência nazista e durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), na Alemanha, diversos grupos foram perseguidos, humilhados, torturados e confinados em Campos de Concentração. Com uma ideologia fortemente baseada no ódio étnico e no preconceito contra determinados grupos sociais, diferentes povos foram perseguidos, como judeus e ciganos, grupos religiosos, como os Testemunhos de Jeová, e pessoas com deficiências mentais e físicas. Dentre os grupos humanos perseguidos, estavam os homossexuais, considerados a escória dos Campos de Concentração.

Nas Relações Internacionais, um dos temas de estudos mais importantes é a Guerra, e esta pode ser estudada de diferentes maneiras. A perseguição aos gays na Segunda Guerra nos oferece um ângulo privilegiado para entender o conflito, porém, o tema é ainda muito pouco estudado, especialmente no campo das Relações Internacionais. Este artigo é um esforço para entender o nazismo e a guerra desta perspectiva, com base nos relatos de pessoas que sofreram castigos e humilhações, por conta de suas identidades sexuais, e é também uma denúncia das atrocidades praticadas contra a comunidade gay.

Para entendermos as razões da perseguição e as violências sofridas pelos gays, utilizaremos a categoria Gênero e, mais especificamente, a teoria *queer*, que se apresenta com uma perspectiva mais crítica e inclusiva dos estudos de gênero. Esta teoria nasceu em meados de 1980 (Jagose, 1996) nos Estados Unidos, com uma perspectiva crítica aos binarismos de gênero, que limitava os estudos aos polos binários mulher e homem. A abordagem *queer*, diferentemente dos estudos de gênero mais tradicionais, enfatiza as diferentes identidades, como a homossexual, a bissexual, a transexual, o transgênero e o intersexual.

Queer, da forma como era empregado até a década de 1980, significava bizarro, excêntrico e estranho, e era, desde o século XIX, uma palavra ofensiva aos homossexuais (Safatle, 2015). A palavra foi apropriada criticamente por estudiosos de gênero, ressignificada e transformada numa perspectiva teórica. Nos anos 1990, conforme Louro, o termo *queer* foi engrandecido e passou a ser usado “no âmbito teórico e político para indicar uma posição ou disposição de contestação e de não conformidade em relação às normas, processos de normalização ou cânones de qualquer ordem (Louro, 2017, p. 37).

Um dos inspiradores da teoria *queer* foi Michel Foucault. Nos seus estudos sobre sexualidade, Foucault afirmou que a sexualidade se tornou alvo de uma espécie de “controle disciplinar”. Os movimentos corpóreos são supervisionados e a sexualidade é reproduzida por uma “unidade múltipla” através da população, segundo o autor.

Esta percepção de Foucault nos ajuda a entender o que será abordado nesta monografia. A sexualidade foi vítima de um “controle disciplinar”, e este controle faz com que a sexualidade acabe se tornando mais restrita e muito bem caracterizada, com os aspectos de cada sexo bem definidos. Problematizaremos, portanto, de quais formas a política nazista aplicou este controle quando da perseguição aos homossexuais na segunda guerra.

De acordo com este pensamento teórico, conseguimos descrever que para uma política fascista, como era a de Hitler, a homossexualidade transitava entre dois gêneros e deveria, portanto, ser excluída da sociedade.

Assim, com a teoria *queer*, o tema da Segunda Guerra Mundial será revisitado, e mais especificamente o ideal de homem ariano criado por Hitler e seu partido. Estudar o nazismo, na conjuntura da segunda guerra mundial, à luz da teoria *queer*, permite trazer outros ângulos sobre a guerra e sobre a perseguição aos gays na Alemanha nazista. A teoria *queer* permite identificar, neste ambiente histórico, uma população que foi esquecida dos estudos históricos produzidos até hoje, seja no âmbito da História ou das Relações Internacionais, justamente porque nenhuma outra lente teórica incluiu a população homossexual em seus estudos. Com a lente *queer* é possível problematizar o nazismo e a guerra da perspectiva destes grupos, destas populações que sofreram, e ainda sofrem inúmeras formas de violência, pelo fato de

serem gays.

Metodologicamente, esta pesquisa é de base qualitativa e se baseia em técnicas de pesquisa bibliográfica, apoiando-se, fundamentalmente, em relatos e biografias produzidas e publicadas pelas vítimas do Holocausto, como por exemplo “Triângulo rosa: um homossexual no Campo de Concentração nazista” de Jean-Luc Schwab e Rudolf Brazda e “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual”, de Pierre Seel.

2 A VIDA GAY NA ALEMANHA PRÉ NAZISTA

Durante o período em que os nazistas estiveram no poder na Alemanha os gays, principalmente os homens, sofreram diversas formas de abusos, perseguições e foram aprisionados em Campos de concentração, onde eram submetidos a diversas formas de humilhação, antes e durante a Guerra Mundial. Mas nem sempre esta população foi perseguida na Alemanha. No período que antecedeu a ascensão do nazismo, a comunidade gay, embora discriminada e com punições previstas em lei, vivia com relativa tranquilidade. Um retorno à Alemanha antes da ascensão política de Hitler, no começo da década de 1930, nos ajuda a entender melhor as razões pelas quais a comunidade gay se tornou alvo do regime nazista.

Em 1871, o Rei da Prússia, Guilherme I, passou a ser o Imperador da então Alemanha Unificada. Na antiga Prússia, os homens homossexuais já eram perseguidos pela polícia de forma legal, pois o Código Penal Prussiano criminalizava a homossexualidade (Havas, 2019). Guilherme I criou uma Constituição e um Código Penal para a recém unida Alemanha, tendo como inspiração as leis que governavam sua antiga região (Havas, 2019) Neste sentido, foi criada a famosa lei que ficou conhecida como Lei, Artigo ou Parágrafo 175 (antissodomia), que coibia o contato sexual entre pessoas de mesmo sexo, até punindo-o com um a quatro anos de prisão. O Parágrafo 175 foi implementado na sua íntegra no recém-formado Código Criminal Germânico (Silva, 2019), nele definia-se a homossexualidade como antinatural e eram previstas punições: “Um ato sexual não natural cometido entre pessoas do mesmo sexo ou de humanos para com animais é punível com aprisionamento; a perda dos direitos civis também pode ser imposta” (Kaczorowski, 2015). Os Estados Alemães não tinham leis tão duras contra a homossexualidade, porém, tiveram que submeter-

se as especificidades impostas pelo Imperador. Nota-se também, o já grande preconceito da lei e dos seus criadores, ao equiparar a homossexualidade com a zoofilia. (Kaczorowski, 2015)

Por volta de 1900, com base no Parágrafo 175, prendia-se, em média, mil cidadãos alemães por ano, porém não há registros de uma perseguição sistemática a esta população neste momento (Kaczorowski, 2015). Pelo contrário, embora houvesse prisões, havia também uma intensa circulação de material voltado para este público, o que denota certa liberdade de expressão. Vários livros, panfletos e filmes que abordavam a homossexualidade eram amplamente publicadas e consumidas por esta comunidade (Marhoeffer, 2015). E mesmo que a Lei previvesse de um a quatro anos de prisão, os registros mostram que, nesta época, a pena de prisão imputada aos homossexuais não passava de alguns dias ou meses (Brazda; Schwab, 2012).

Posteriormente, em 1919 foi também criado o Instituto para o Estudo da Sexualidade, que mais tarde ficara conhecido internacionalmente como pioneiro no estudo da homossexualidade e da transexualidade, pelo Dr. Magnus Hirschfeld (1868-1935). (Seel; Le Bitoux, 1994).

O trabalho de Magnus Hirschfeld contribuiu, sem dúvidas, para uma ampla coalização gay contra o Artigo 175 e o Estado Alemão. O trabalho iniciado por ele ajudou Berlim a se tornar o centro de estudos sobre a sexualidade humana e, também, a capital do ativismo gay, mesmo sob a vigilância e a ameaça da lei antissodomia.

Robert Beachy, em sua obra “Berlim gay: lugar de nascimento de uma sociedade moderna”, cita o relato de Stephen Spender, que mostra que na cidade todos viviam em relativa tranquilidade: “Em Berlim, todos conversavam com todos, mesmo que não em voz alta. Mas todos sabiam tudo sobre todos num relance. Ricos e pobres, professores e alunos, intelectuais e bartenders todos compartilhavam da mesma vulgaridade” (Beachy, 2015, p. 160).

A prostituição generalizada (masculina e feminina), as apresentações públicas de *drag queens* e o fácil acesso a bares e clubes que atendiam a homens e mulheres homossexuais eram apenas algumas das características que apoiavam a indústria sexual de Berlim. Como argumentou o crítico cultural da época de Weimar, Siegfried Kracauer, as viagens modernas possibilitadas pela tecnologia industrial “concederam acesso ao além” e, no caso de Berlim, o potencial de um

mundo sexual utópico que transcendeu as moralidades tradicionais (Beachy, 2015, p.188).

A vida gay na capital, principalmente a partir de 1918, transcorria de forma pacífica em relação à censura, o que resultou, justamente nessa época, na criação de várias revistas e jornais dedicados ao público homossexual (Beachy, 2015).

O Parágrafo 175, em vigor desde a unificação da Alemanha, era um incômodo, mas não tinha força de aplicação pelo Estado, sinal disso é seu reconhecimento por ser um país aberto aos homossexuais. Havia, de fato, aqueles que eram repreendidos pelas autoridades, mas, em sua maioria, nunca foram encarcerados por praticarem “atos indecentes e lascivos”, como exposto anteriormente (Settingington, 2013, p. 49). Além disso, nos anos 20 a Alemanha tinha 25 Organizações e mais de 30 jornais pró gay (Kolenbroich, 2006). Em 1923, por exemplo, Berlim tinha cerca de 130 bares gays, e era conhecida como uma Capital Gay, da prostituição masculina e do turismo sexual. (Eribon, 2008).

A partir de 1933, com Hitler já no poder, a perseguição aos homossexuais foi facilitada e ampliada, pois não houve a necessidade de criação de uma Lei, visto que o Parágrafo 175 já estava em vigor desde 1871. Os nazistas tinham receio de que os homens homossexuais “recrutassem” outros homens, o que faria com que menos mulheres ficassem grávidas e menos jovens fossem recrutados para o exército, tornando a uma Alemanha mais fraca (Settingington, 2013).

Os nazistas, porém, tinham dúvidas se as mulheres lésbicas também deveriam ser incluídas como passíveis de perseguição, visto que não possuíam, conforme os nazistas, características dignas para serem cidadãs da grande Alemanha que estava por vir. Entretanto, foi decidido que elas não seriam perseguidas, pois prontamente se adaptaram ao novo estilo de vida imposto pelos nazistas, ou seja, esconderam suas características consideradas masculinas e se “feminalizaram” e, portanto, teriam uma condição curável e temporária. No fundo, ainda conforme Settingington (2013), os governantes as livraram da prisão pois elas poderiam futuramente engravidar e engrandecer a Alemanha.

As mulheres, conforme os aliados de Hitler, deveriam se ocupar de “Kinder, Küche e Kirche” (Crianças, Cozinha e Igreja). Com a campanha a favor do casamento,

propagada pelo então governo nazista, as mulheres lésbicas e homens gays se viram na obrigação de se casar para fugir do cárcere, o que de fato funcionou. Portanto, as lésbicas acabaram por não ser consideradas como nocivas ao Sistema Nazista e poucas foram presas por causa de sua sexualidade, mas as que foram, tinham causas maiores que as levaram à prisão. Para fugir de uma possível perseguição, estas mulheres se refugiaram em outros países da Europa e desapareceram da vida pública (Settingington, 2013).

3 PERSEGUIÇÃO AOS GAYS NA ALEMANHA NAZISTA, NO CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

3.1 A perseguição legal aos homossexuais na Alemanha Nazista

“Nossa visão é que através do Artigo 175 as pessoas deveriam ser processadas severamente devido a tais vícios conduzirem à perdição humana” (Yad Vashem, 2020). Esta foi a declaração do deputado nazista Wilhelm Frick em 1927, ano em que muitos bares de lésbicas, gays e travestis foram fechados. Frick expôs muito bem qual era o verdadeiro anseio do Partido Nazista para com os homossexuais: a caça. O mais famoso bar gay, e de maior relevância naquele contexto, o El Dorado, foi justamente um dos primeiros a ser fechado pelos nazistas, em 1932, para simbolizar o fim de uma era de convivência com esta população. Daí para frente, a perseguição à comunidade gay entrou numa espiral de violência que chegaria ao paroxismo com a eclosão da guerra.

A perseguição também alcançou o Instituto da Sexualidade, do Dr. Magnus Hirschfeld, enquanto ele estava nos Estados Unidos. O Instituto foi invadido por estes mesmos estudantes universitários nazistas incendiários. Os extremistas levaram consigo grande parte da grande biblioteca do Instituto que foi incinerada no grande evento descrito acima (Yad Vashem, 2020). Em meio a isso tudo, a população gay ainda se sentia relativamente segura, pois, além de não existir ainda de fato uma perseguição concreta aos homens gays, conforme exemplificado no capítulo 1, havia um homem homossexual que era braço direito de Hitler: Ernst Röhm, chefe da SA (sigla alemã para Sturmabteilung, ou Seção Tempestade, em português) uma das

maiores e mais famosas tropas nazistas dos anos 30 (Brazda; Schwab, 2012)

De acordo com Frank McDonough, o exército nazista adotou uma postura diferente na perseguição dos homossexuais, pois ela não era nova e nem exclusiva da Alemanha Nazista⁷. Heinrich Himmler, um dos principais braços direito de Hitler, fazia propaganda pró Raça Ariana ao proferir palestras intituladas de “Os perigos da homossexualidade para a raça alemã”. Numa das palestras, disse: “Todos os homossexuais são covardes; mentem como jesuítas. A homossexualidade leva a um estado mental que não se sabe o que faz”. (Mcdnough, 2016, p.175). Neste sentido, o Partido Nazista afirmava sua posição ao declarar:

Quem pensa em amor homossexual é nosso inimigo. Nós rejeitamos tudo que emascula o nosso povo e o transforma num brinquedo para nossos inimigos, pois sabemos que a vida é uma luta e que é loucura pensar que os homens alguma vez se abraçarão fraternalmente. A história natural nos ensina o contrário (...) Portanto, nós rejeitamos qualquer forma de lascívia, especialmente a homossexualidade, porque ela arrebatava a última chance de libertar o nosso povo do cativeiro que ora nos escraviza” (Mcdnough, 2016, p.175).

Podemos observar no discurso nazista de forma clara a busca por uma fundamentação que justificasse a perseguição aos gays. Ao dizer que existia um cativeiro, onde os homossexuais escravizariam o resto da Alemanha, os extremistas buscam exemplificar para o povo alemão que a raça pura ficaria à mercê dos “depravados”, e que estes iriam afeminar e desglorificar a grande Alemanha.

Em 1934, a polícia secreta da Alemanha Nazista, chamada de Gestapo, cria uma Seção Especial para o combate à homossexualidade e funda escritórios na maioria das grandes cidades, cidades estas que tinham funcionários dedicados única e exclusivamente para o trabalho de perseguição dos gays. Estes escritórios continham Institutos de Pesquisa de Psicologia e Psicoterapia, para a “reeducação” e “cura” dos gays. O intuito era fazer com que os gays que lá fossem aprisionados fossem reorientados a uma vida heterossexual e, caso não conseguissem, a castração era recomendada antes mesmo da soltura (Mcdnough, 2016). Nota-se aqui, então, que cinco anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, a perseguição aos homossexuais, e, como relatado, principalmente aos homens homossexuais, já era uma política de Estado da Alemanha Nazista.

Himmler, braço direito de Hitler, em 1937, fez um discurso de ódio contra os gays sob a ideologia da teoria da pureza racial. Baseando-se em dados, sem citar fonte, de que a Alemanha havia perdido 2 milhões de homens durante a Primeira Grande Guerra, ele afirma que, somado a estes, haveria mais outros 2 milhões que seriam homossexuais, totalizando 4 milhões, que resultaria num enorme desequilíbrio na taxa de natalidade (Himmler, 1937. Tradução nossa.). O nazista continua, e diz que o que acontece “entre 4 paredes” é assunto do Estado, pois envolve a vida e a morte de muitas pessoas. E afirma que um povo com muitos filhos é candidato a um grande poderio mundial, e um com poucos está fadado ao fracasso eterno (Himmler, 1937).

Himmler também sustenta que o assassinato de um homossexual não seria uma brutalidade nem um castigo, mas algo natural, pois este seria o destino destas pessoas. E afirma que mandaria os gays para Campos de Concentração, para que o sangue alemão continue puro (Himmler, 1937).

Judith Butler nos ajuda a entender melhor esta visão nazista sobre a homossexualidade. Para a filósofa, existe uma certa ordem imposta que cria uma coerência entre um sexo, um gênero e um desejo ou prática, que obrigatoriamente são heterossexuais. A pensadora não concorda com a teoria de que determinadas funções que identificam um homem reflitam numa essência masculina, o mesmo para a mulher. Nesta linha de pensamento, Butler ainda afirma que há forças sociais que nos obrigam a ter determinados comportamentos e devem ser tidos como masculinos ou femininos, e a crença de que existe um gênero para cada sexo vem desta afirmação. Desse modo, a autora relata que a identidade de gênero é inexistente e esta não deve ser confundida com expressões de gênero. Gênero este que, segundo ela, é um gesto performativo que produz significados e não somente a inscrição cultural de um conceito de sexo exposto pela sociedade. Além disso, o gênero é capaz de produzir uma não existente estabilidade, onde a heterossexualidade seria assegurada por somente dois sexos fixos que teriam atitudes condizentes com os seus respectivos gêneros (Butler, 2003).

Podemos então relacionar a teoria de Butler com a política nazista de Hitler. Ao perseguir os homossexuais, os nazistas assumem a posição de que o sexo masculino e feminino tem características e funções na sociedade previamente determinadas, o que vai em desacordo da teórica *queer*. Como os homens gays não seguiam esse

padrão de comportamento ditado pela idealização de uma cultura ariana, os fascistas alemães perseguiram todos aqueles que viviam em desacordo com as convicções pregadas pelos nazistas e então praticavam violências de gênero com o intuito de difundir o ideal ariano.

A cada ano que passava, a Alemanha gay ficava mais tensa, e nos anos anteriores ao ano do início da Segunda Guerra Mundial, 1937 e 1938, as políticas de perseguição cada vez mais severas. Em abril de 1938, a Gestapo publicou uma diretiva que ordenava a ida dos homens homossexuais condenados pelo Artigo 175 aos Campos de Concentração (United States Holocaust Museum, 2020). A perseguição aos gays, que se constituía em política de Estado em 1933, alcançava agora o patamar de segregação e estigmatização. Sabe-se que ao chegarem num Campo de Concentração, os homossexuais recebiam um triângulo rosa, junto ao seu número de preso, costurado numa camisa listrada, no lado esquerdo do peito. Os judeus, recebiam uma Estrela de Davi, um triângulo vermelho era dado aos criminosos políticos, um verde para criminosos comuns, roxos para Testemunhas de Jeová, azul para imigrantes considerados ilegais, castanho para ciganos, negros, feministas e deficientes (Brazda; Schwab, 2012). Porém, uma vez no Campo, todos sabiam que os que mais iriam sofrer e os que mais seriam banalizados, até mesmo por outros presos, seriam os triângulos rosas.

No Campo a diferença do preso gay para os outros presos era vista logo na chegada: o triângulo que identificava o homem homossexual era cerca de 3 centímetros maior do que os triângulos que identificavam os outros encarcerados, para que eles fossem reconhecidos de longe, de maneira mais fácil e confirmados como a escória do Campo, conforme o relato do prisioneiro homossexual Josef Kohout.

O triângulo que identificava o homem homossexual, era cerca de 3 centímetros maior do que os triângulos que identificavam os outros encarcerados, para que eles fossem reconhecidos de longe, de maneira mais fácil e confirmados como a escória do Campo. (Heger, 1994, p. 32)

A partir de 1938, portanto, os gays, que anteriormente eram mantidos em

prisões locais, foram transferidos aos Campos de Concentração onde eram humilhados e obrigados a trabalhar constantemente ao lado de judeus, presos políticos, Testemunhas de Jeová, e outros detentos. Mas mesmo com o encarceramento em massa dos homossexuais, não parecia um propósito da política nazista a aniquilação de todos estes homens. Ao contrário, ficava evidente que os homens gays que eram presos estavam lá para serem “reeducados”. Aqueles que eram considerados “incuráveis”, poderiam ser submetidos a procedimentos cirúrgicos como a castração e a lobotomia.

Dentro dos Campos, os homossexuais frequentemente apanhavam tanto dos nazistas quanto de outros presos, pois eram considerados como pertencentes ao nível considerado o mais baixo. Frank McDonough, na obra “Gestapo”, traz o relato de um jovem homossexual que foi preso num Campo de Concentração:

Quando chamaram meu número dei um passo à frente, disse meu nome e mencionei o Parágrafo 175. Com as palavras “Sua bicha encardida, vá para lá, seu bundeiro”, recebi vários pontapés, depois fui transferido para o sargento da SS encarregado no meu bloco (no campo). A primeira coisa que dele recebi foi um violento soco no rosto, que me jogou no chão” (Mcdonough, 2016, p.177).

A socos, pontapés e humilhações como estas, os gays eram reduzidos à escuridão dos Campos de Concentração. Eugen Kogon, preso político num dos campos, relatou que:

O destino dos homossexuais nos campos de concentração só pode ser descrito como abominável. Em geral, eram segregados em barracões e grupos de trabalho especiais. Tal segregação dava ampla oportunidade aos elementos inescrupulosos em posição de poder de se entregarem à extorsão e aos maus tratos (Mcdonough, 2016, p.177).

Em outro relato, um encarcerado conta que os gays, às vezes, eram separados e isolados dos outros prisioneiros e que eles deveriam todos dormir com as mãos para fora do cobertor, pois os oficiais nazistas achavam que eles eram sedentos por sexo e poderiam se masturbar a qualquer momento, o que era proibido no Campo (Mcdonough, 2016). No livro “A história da sexualidade I: A vontade de saber”, Michel

Foucault aponta que a sexualidade, em certos ambientes punitivos, é relacionada aos dispositivos de poder que visam o total controle da população e do indivíduo. Para Foucault (1988, p. 115), desde o século XVIII criam-se diferentes maneiras de “saber-poder” a respeito do sexo, maneiras estas que se tornaram mecânicas a datar do “dispositivo” anteriormente mencionado e, ainda, que iriam produzir outras figuras de saber relacionadas a estas estratégias. Dentre essas figuras, destaca-se aqui a “Psiquiatrização do prazer perverso e o objeto “adulto perverso”, sendo que neste objeto, encontramos na mesma categoria o masoquista, o gay, o pedófilo, e outras “anormalidades (Santos, 2013).

De acordo com o filósofo, é impossível não ligar o “dispositivo” da sexualidade a ideia do poder, ou seja, da ideia de “proliferar, inovar, inventar, penetrar” nos corpos. (Foucault, 1988, p. 115).

A partir do século XVIII, o sexo começa a ser falado não só a partir da perspectiva cristã, que condenava quem o fizesse por puro prazer, mas também da perspectiva acadêmica científica, e, conforme Foucault, o “sexo que fala e é falado” é emblemático numa sociedade, e esta faz a gestão deste, através de discursos repreensivos. Neste sentido, o Estado começa a ter um controle, não exatamente uma interdição, policial quanto a esta questão: “Política do sexo: isto é, necessidade de se regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”. (Foucault, 1988, p. 31).

A tese foucaultiana do poder, especialmente daquele que passa pelas barreiras de gênero e sexualidade, é necessária para analisar a constituição histórica da homofobia, (Santos, 2013).

É possível afirmar, então, que a homofobia é utilizada como forma de dominação nas relações de poder. O partido nazista se utilizava das premissas do sexo e do gênero heteronormativo e, usava o seu poder de Estado para controlar as relações sexuais de sua população e, num segundo momento, para regê-las. Um efeito reverso acontece quando da hipersexualização dos nazistas pelos homossexuais, onde contrariam suas próprias premissas. (Mcdonough, 2016)

Rudolf Hoess, que era comandante do Campo de Concentração de Auschwitz escreveu em suas memórias que os homossexuais eram segregados para evitar que a homossexualidade infectasse os outros detentos e guardas (United States

Holocaust Museum, 2020). Para Foucault, a partir do século XVIII criou-se a ideia de que um soldado, um homem viril, com as mesmas características dos homens arianos que Hitler propunha, poderia agora ser fabricado, diferentemente do século XVII, através de diferentes métodos. Estes métodos, conforme o autor, seriam aqueles em que o homem seria treinado a ter movimentos mecânicos, gestos adequados, posição do corpo correta, até que a fisionomia de um soldado fosse atingida. (Foucault, 1987)

Neste sentido, o filósofo afirma que os métodos que permitem um estrito poder sobre as mecanicidades do corpo humano, e que acabam num cumprimento das forças que lhes são impostas, devem ser nomeados de “disciplinas”. Desta forma, Foucault escreve que as disciplinas, assim chamadas por ele, se tornaram ao longo dos séculos, “fórmulas gerais de dominação”. As disciplinas, então, seriam o aumento das habilidades, o aprofundamento da sujeição e, principalmente, uma relação em que o corpo quanto mais obediente mais útil é, e o contrário também. Não demora até que uma “mecânica do poder” seja criada, onde não somente se tem domínio sobre o corpo de outrem, mas também uma competência sobre o *modos operandi* deste (Foucault, 1987).

Em sua obra “Vigiar e Punir”, o escritor revela que, em primeiro lugar, a disciplina recorre ao que ele chama de “distribuição dos indivíduos no espaço”. Segundo ele, a disciplina às vezes exige “a cerca”, um local fechado, heterogêneo, ou seja, um lugar que daria espaço aos desajustados iguais (Foucault, 1987). Deste modo, podemos comparar a “disciplina” de Foucault com a busca pelo “ser ariano” de Hitler. O nazista buscava “disciplinar” a população da Alemanha Nazista e transformá-la no homem viril. Através dos Campos de Concentração, a política nazista encarcerava os desiguais, os que não seguiam o modo ariano de ser, exatamente como Foucault explanou. Os Campos isolavam os não arianos e, mais ainda, conforme Rudolf Hoess, os gays, fazendo com que estes se enquadrassem no sistema da “cerca” exemplificado pelo filósofo. Com isto, buscava-se adequar a população homossexual através do isolamento e da “disciplina”.

Os gays tiveram diferentes destinos nos Campos nazistas. De 1933 a 1945, estima-se que mais de 100 mil homens foram presos por homossexualidade. Destes 100 mil, mais de 50% passaram pelos tribunais e cumpriu pena em presídios locais. 35 mil foram liberados (muitos destes mutilados). 15 mil foram enviados aos Campos

de Concentração e 5 mil homens morreram apenas por serem gays (United States Holocaust Museum, 2020).

Durante o auge da Segunda Guerra, a Gestapo então acabou por adotar o método de Vaernet, um médico dinamarquês que afirmava ter desenvolvido um hormônio que curaria a homossexualidade. Não demorou para que os nazistas lhe dessem um cargo de pesquisador, com financiamento, laboratório e pessoal treinado. Implantes de testosterona eram colocados em pacientes marcados com os triângulos rosas. Alguns, segundo o médico, tinham progresso, ou seja, adquiriam características consideradas masculinas de forma mais marcante e rápida. Os que não demonstraram progresso no “tratamento” foram considerados como “crônicos” e “incuráveis” (Mcdonough, 2016, p.177). Os procedimentos do médico dinamarquês, muitas vezes, não tinham o resultado previsto e provocava dores insuportáveis, e até mesmo a morte, para os homossexuais. As experiências insanas só pararam quando uma onda de febre amarela tomou o Campo em que o médico operava (Mcdonough, 2016)

3.2 A perseguição legal aos homossexuais

Para melhor entendermos os efeitos da Guerra sobre a vida dos gays, presos no Campos nazistas, exploraremos as trajetórias de alguns indivíduos que viveram estas experiências, sobreviveram e deixaram os depoimentos detalhados sobre as humilhações e os sofrimentos que lhes foram impostos. Os relatos de Gerhard Beck, Rudolf Brazda, Pierre Seel, Karl Gorath, e outros tantos, são importantes para destacar o modo como as vidas de pessoas foram brutalmente alteradas e marcadas para sempre com a emergência do nazismo.

Gerhard Gad Beck foi uma vítima das barbáries da Segunda Guerra Mundial e, embora tenha sido torturado, sobreviveu. Além de ser homossexual, Beck também era judeu, e por isso foi enviado ao Campo de Concentração. Conforme Setterignton, os judeus, quando gays, não tinham muita importância, pois, dada a sua primeira característica, já eram destinados ao extermínio (Setterignton, 2013). De acordo com o livro “Marcados pelo Triângulo Rosa”, a história do descobrimento da homossexualidade de Beck começa muito cedo. Nascido de pai judeu, mãe cristã e

irmão gêmeo de Margot, que mais tarde passou a ser chamada de Miriam, nasceu em Berlim e, por ser mestiço, ou seja, não completamente não ariano, não era tão visado pelos nazistas. Na pré-adolescência e adolescência, vivida na Áustria, ele já sentia atração por homens mais velhos e, mesmo que pessoas de fé, seus pais já aceitavam a homossexualidade do filho. (Setterignton, 2013).

Logo após a anexação da Áustria pelos nazistas, a vida da família Beck começou a desmoronar. Foram despejados de casa e obrigados a viver numa área destinada apenas para judeus, onde a família decidiu mudar o nome das crianças para os nomes hebraicos Gad e Miriam. Os jovens irmãos estavam salvos, pois entraram num centro de preparação de pessoas para emigrar para a Palestina, porém, era tarde demais para pensar em emigrar, visto que os judeus foram proibidos de sair da Alemanha. Mesmo assim, o Centro os protegia, pelo menos por ora, das garras de Hitler. Foi exatamente neste grupo de emigração que Beck (agora Gad) se apaixonou por outro jovem, Manfred Lewin (Setterignton, 2013). Com o passar do tempo, Beck e Lewin tornaram-se um casal, mesmo que às escondidas. Já em 1942, alguns meses após o início do namoro, Manfred foi capturado pelos nazistas e deportado para a Alemanha. Para salvar seu amado, Gad pediu ajuda de seu chefe, o pintor Lothar Hermann, que criou um plano para que o casal ficasse junto e em liberdade novamente. O filho de Hermann pertencia a Juventude Nazista e tinha um uniforme do grupo que, mesmo sendo quatro números maior que as vestimentas de Gad, foi utilizado para que o berlinense adentrasse em sua antiga escola, que era o lugar onde os nazistas juntavam os judeus que seriam deportados, Gad Beck conseguiu salvar seu namorado, contando uma simples história de que Manfred Lewin era o encarregado de uma reforma em sua casa e que havia escondido as chaves da residência, e precisaria que ele fosse até o local para mostrar-lhe onde escondeu as chaves. Entretanto, uma vez em liberdade, Lewin recusou-se a ficar com Beck, pois sua família, permanecia detida e precisaria dele naquele momento. Lewis decidiu ir para a prisão e os dois nunca mais se viram. (Setterignton, 2013).

Nos meses seguintes, a vida dos judeus tornou-se ainda mais difícil. Gad Beck, como muitos, foi forçado a carregar batatas diariamente. Nesse período, conheceu Heinz Bluemel, jovem vizinho alemão que costumava vestir uniforme nazista. No entanto, Bluemel guardava ressentimento dos seguidores de Hitler, pois fora proibido

de usar o uniforme devido à sua corcunda, incompatível com o ideal ariano. Isso o aproximou de Beck, e juntos integraram um grupo de proteção a judeus. Beck conseguiu passar quase toda a guerra escondido, abrigando outros judeus no sótão que dividia com Heinz. Poucas semanas antes da rendição nazista, todos foram presos, inclusive Paul Dreyer, um dos principais colaboradores, atacado por cães da SS por ser considerado gay. Beck foi libertado ao fim da guerra e passou a auxiliar sobreviventes judeus a emigrarem para a Palestina, onde viveu até 1979, antes de retornar a Berlim (Setterington, 2013).

Outra história de um jovem gay que teve sua vida atropelada pela guerra e pelos nazistas é a de Pierre Seel, um jovem francês que cruzou o caminho dos nazistas quando Hitler invadiu a França. A perseguição aos gays não se limitou ao território alemão. A homofobia nazista alcançou outros países e pessoas como Pierre Seel foram vitimadas. Seel nasceu numa família católica e viveu na região da Alsácia, onde chamava atenção por seu extravagante jeito de vestir-se. Em uma de suas vindas para casa, após passar o dia na escola, com 17 anos, passou num conhecido bar, famoso por ser frequentado por homossexuais. No bar, Pierre Seel deu-se conta de que seu relógio desaparecera, e decidiu prestar depoimento junto à delegacia. Assim que contou aos policiais franceses onde estava no momento do furto, foi prontamente repreendido e humilhado por ter ido até um local frequentado por gays. Foi neste dia que Pierre, além de ser humilhado, entrou para a lista dos homossexuais da cidade, lista esta que, mais tarde, seria entregue aos hitleristas. (Seel; Le Bitoux, 1994)

Durante as frequentes idas a locais frequentados, em sua maioria, por gays, Seel conhece Jo e apaixonou-se. A partir de 1940, quando a Alemanha Nazista chega a Moulhouse, na França, a vida torna-se mais difícil para os homossexuais, bem como para os outros perseguidos deste regime. Foi no dia dois de maio de 1942 que a mãe de Pierre o avisara que ele deveria apresentar-se no dia seguinte às autoridades. Quando chegou diante dos militares foi jogado numa sala com outros supostos homossexuais, além de ser chamado de “viado imundo”, conforme relata em sua obra “Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual”:

Depois de fechar violentamente meu arquivo, o homem da SS à minha

frente imediatamente me chamou de bastardo sujo, viado imundo. O interrogatório estava apenas começando. Eu conhecia outros homossexuais? Quais eram seus nomes e endereços? Eu tinha ouvido falar de fulano de tal? Não era verdade que certo clérigo gostava de rapazes? Quais foram os nossos locais de encontro? Ele sabia muito mais do que eu. Eu permaneci em silêncio. (Seel; Le Bitoux, 1994, p. 53)

O francês Seel relatou com precisão as atrocidades que sofreu logo no seu primeiro contato com os nazistas, inclusive o estupro, com um pau de madeira, que perfurou seu intestino e o fez sangrar por toda a sua vida:

De suas listas, de suas batidas, de suas humilhações. E aqui estava ele, diante. No início, conseguimos suportar o sofrimento. Mas no final das contas tornou-se impossível. A máquina de violência acelerou. Indignados com a nossa resistência, os SS começaram a arrancar as unhas de alguns prisioneiros. Em sua fúria, eles quebraram os paus de madeira em que estávamos ajoelhados e as usaram para nos estuprar. (Seel; Le Bitoux, 1994, p. 55).

Com o fim do interrogatório, não demorou até que Pierre fosse transferido ao Campo de Concentração, junto de outros presos. E, assim que chegou, ganhou uma “barra azul”, e, em seguida, percebeu todas as precariedades do lugar que iria viver por tempo indeterminado:

Muitas pancadas nos esperavam. Fomos instantaneamente superados pelo terror. Tínhamos que correr, rastejar, correr e rastejar novamente. Nossas roupas civis logo foram reduzidas a trapos. As ordens gritadas eram invariavelmente seguidas de golpes quando os SS se aproximavam de nós. Então, depois de um show de gelo, raspei minha cabeça como os outros. Sem nossas roupas rasgadas e sujas, recebemos uniformes do Campo: camisas e calças malfeitas feitas de linho áspero. Como vários outros presos da mesma van, notei uma pequena e enigmática barra azul na minha camisa e no meu boné. Fazia parte do indecifrável código da prisão que só os nossos carcereiros conheciam. De acordo com os documentos que recentemente verifiquei, azul significava que eu era católico ou antissocial. Nesse Campo, o azul também incluía os homossexuais, enquanto na Alemanha os presos homossexuais já eram marcados pelo triângulo rosa. (Seel; Le Bitoux, 1994, p. 61).

Pierre viu em sua frente seu eterno amante, aquele a quem dedicou seu livro, Jo, ser devorado por pastores alemães da guarda nazista. Jo foi morto numa praça

dentro do Campo de Concentração, no meio de todos, ao som de música clássica, com um balde na cabeça.

Em 1941, para sua surpresa, Seel foi libertado por bom comportamento dentro do Campo. Assim, de volta à sociedade, Pierre teve que esconder sua sexualidade, não só por conta do preconceito, mas também porque o Artigo 175 ainda vigorava. Se casou com uma mulher e teve filhos, e viveu na heterossexualidade até se divorciar e escrever sua obra “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual”. Seel faleceu com 82 anos com o ânus ainda sangrando, vítima da barbárie dos nazistas. (Seel; Le Bitoux, 1994)

Karl Gorath nasceu no norte da Alemanha, filho de pai marinheiro e de mãe enfermeira. Gorath estudava para ser diácono, e aos 26 anos, foi denunciado como homem homossexual às autoridades por seu namorado ciumento. Logo, foi preso e levado ao Campo de Concentração de Neuengamme, onde foi obrigado a portar o triângulo rosa. Em relato ao Museu do Holocausto dos Estados Unidos, Karl contou sua história:

Eu tinha 26 anos quando meu parceiro ciumento me denunciou. Fui preso em casa, com base no parágrafo 175 do código penal, o qual definia homossexualidade como um ato "anormal". Apesar daquela lei já estar em existência há alguns anos, os nazistas ampliaram sua abrangência e a usaram como desculpa para efetuar prisões em massa de homossexuais. Fui preso no campo de concentração de Neuengamme, perto de Hamburgo, onde os que haviam sido presos com base no "parágrafo 175" tinham que usar um triângulo cor-de-rosa preso no uniforme (United States Holocaust Museum, 2020).

Quando no Campo, foi direcionado para trabalhar num hospital para prisioneiros. Posteriormente, quando se negou a diminuir a porção de pão para os pacientes poloneses, foi transferido para o Campo de Auschwitz, onde passou a usar o triângulo vermelho, de preso político, e onde teve um amante chamado Zbigniew (United States Holocaust Museum, 2020).

A sobrevivente Charlotte Von Mahlsdorf, nasceu como menino, foi batizada de Lothar, mais tarde se descobriu como mulher trans. Seu pai, Max, era membro ativo do Partido Nazista, e abusador dentro de casa. Quando adolescente, Charlotte limpava os móveis de judeus que haviam sido deportados. Não demorou para que criasse uma enorme ira contra Hitler, seu partido e a forma como as minorias eram

tratadas. Usando a guerra como desculpa, Charlotte e sua mãe abandonaram seu pai e fugiram para a Prússia Oriental, onde Charlotte pôde explorar e viver a sua identidade de gênero com o apoio de sua família. Em determinado momento, Charlotte decidiu voltar à Alemanha para visitar seu pai. Chegando em sua residência, seu genitor afirma que ela teria que escolher entre ficar ali, ou retornar e ter toda a sua família morta. Para sua própria defesa e para defender sua família, Charlotte assassinou o próprio pai. Em seguida, foi internada num hospital psiquiátrico, mas pouco tempo depois foi solta, visto que o Terceiro Reich entrava em colapso (Baer, 2016).

Infelizmente, Charlotte não conseguiu salvar todos os judeus que seu pai ajudara a matar, mas, ao longo de sua vida, guardou antiguidades destas pessoas em sua casa, e a transformou no Museu Grüberzeit, em Berlim, conhecido por um ponto seguro de encontro de alemães pertencentes a comunidade LGBTQ+. Ela viveu por mais de 30 anos como uma mulher trans, e faleceu em 2002 (Baer, 2016).

Josef Kohout foi o primeiro sobrevivente gay do Holocausto a contar a sua história. Publicou seu livro “O homem com o triângulo rosa” em 1972 na Alemanha. Foi graças a ele que outras vítimas como Pierre Seel e Rudolf Brazda puderam, mais uma vez, “sair do armário”. O triângulo rosa de Josef, seguido do número 1896, foi doado por seu companheiro depois de sua morte, e foi o primeiro triângulo rosa doado ao Museu do Holocausto em Berlim (United States Holocaust Museum, 2020, 2013).

Josef foi preso quando tinha 24 anos, quando seu cartão de natal, enviado ao seu namorado, foi interceptado pelos nazistas. Depois de alguns meses em prisão comum, foi levado ao Campo de Concentração de Sachsenhausen. Em maio de 1940 foi transferido ao Campo de Concentração de Flossenbürg, onde ficou preso até 1945, quando foi liberado pelos militares norte-americanos (United States Holocaust Museum, 2013).

Estes relatos e estas histórias de vidas, profundamente marcadas pelo nazismo e pela experiência dos Campos de Concentração, durante a guerra, nos ajudam a entender o tamanho da perseguição por parte dos nazistas e o tamanho do sofrimento dos gays neste período da história. Analisar as histórias de vida dessa população através dos relatos de suas experiências, nos permite maior entendimento em relação às violências sofridas.

4 A VIDA GAY NA ALEMANHA NO PÓS GUERRA

Assim que as forças aliadas declararam vitória sob o regime nazista em 1945, milhares de cidadãos foram liberados dos terríveis Campos de Concentração, como vimos anteriormente. Neste sentido, muitas leis e decretos foram revogados pelo governo temporário das forças aliadas, exceto, o Parágrafo 175, que continuou intocável (Holocaust Memorial Day Trust, 2020).

Os aliados que chegaram aos Campos de Concentração não tinham nenhuma empatia com os gays aprisionados (Settingington, 2013). Isso pode explicar a não anulação do Parágrafo 175 no pós-guerra e depois a liberação destes dos Campos, pois os gays foram obrigados a recomeçar suas penas outros estabelecimentos (Amir, 2010) Eles foram libertados do horror nazista, mas continuaram estigmatizados, tratados com preconceito, perseguidos e presos como párias. Ou seja, os homens gays, presos por Hitler durante a Segunda Guerra, viram que não seriam tão cedo reconhecidos como vítimas do Holocausto e que teriam que viver novamente no “armário”, visto que ao afirmarem que foram vítimas da barbárie nazista como consequência do Parágrafo 175, receberiam olhares julgadores e, também, dificuldades para fazer contratos de aluguel, achar um emprego, etc. (Settingington, 2013)

Em 1945, um governo provisório dos aliados foi instaurado na Alemanha e a dividiu em 4 partes, para que os países vencedores da guerra a administrassem. A intervenção militar pelos aliados tinha também como objetivo acabar com todas as Instituições e leis nazistas que datavam do tempo de Hitler. O chamado “Conselho do Controle Aliado” tinha o Decreto nº 11, que afirmava que todo o regulamento feito pelos nazistas seriam a partir daquele momento inválidos. Exceto o Artigo 175, que não foi incluído nominalmente. Na prática, a polícia e os políticos não evitavam de agir a favor do Parágrafo 175, o que resultou em diferentes jurisprudências até a divisão da Alemanha, em Ocidental e Oriental ou Capitalista e Socialista ou do Oeste e Leste. Com a separação da Alemanha, cada lado passou a ter o seu próprio entendimento sobre a questão. A Alemanha Ocidental tendia para manter a versão imposta pelos nazistas da Lei, já a Alemanha Oriental voltava-se para o lado oposto (Amir, 2010)

Foi em 1968, depois de 18 anos do completo entendimento da Lei na Alemanha Oriental, que o 175 foi alterado. Mais uma vez modificado, e não alterado. Graças a pressão popular, o Parágrafo passou a descriminalizar a relação sexual entre dois homens de forma consensual, mas outras questões como a “coação” e a prostituição ainda permaneceram. Este entendimento se deu porque foi considerado que somente o estupro e a prostituição seriam danosos para a sociedade. Podemos observar que o Comitê legislador até insistia e pregava para que o 175 fosse de fato instaurado como na sua primeira versão, da República de Weimar, e que a parte do 175a fosse excluída, quando explicava a diferença entre os dois.

Existe uma espécie de homossexualidade contra a qual a punição é ineficaz, uma vez que contradiz um impulso humano básico. O estado deve se preocupar apenas em usar a lei para proteger terceiros. Assim, as infrações exigidas, como a exploração de relações de dependência, força, a exploração da inexperiência sexual de menores inocentes e prostituição [masculina] devem ser sempre puníveis. O atual parágrafo 175 do código penal contém uma infração que é juridicamente irrelevante e deve ser revogada. (Amir, 2010, p.25)

Portanto, apesar de o Comitê ainda ser machista quando condena somente a prostituição masculina e não a feminina, ele enxerga a homossexualidade em si não mais como um perigo para a sociedade, como enxergavam os nazistas. Entretanto, algumas situações advindas de homossexuais ainda incomodam.

Porém, como o Estado da Alemanha Comunista vigiava constantemente seus cidadãos, não havia nenhum tipo de alarde gay na vida cotidiana. Bares, cafés e jornais gays eram proibidos, assim como reuniões e atos políticos desta classe. (Amir, 2010). A alteração do 175 na Alemanha do Leste não deve ser encarada como uma facilitação da vida gay no país, ou algum tipo de ato “*gay friendly*”. Muito pelo contrário, a polícia continuava a repreender todos os homossexuais e o preconceito por parte da sociedade ainda era forte.

Do outro lado, na Alemanha Ocidental, a vida gay era ainda pior. Logo após o fim da guerra, os homens gays se encontravam quase que na mesma situação. Mesmo muitos tendo sobrevivido aos Campos de Concentração, eles foram reincidentes no crime exposto pelo 175 e reencaminhados às prisões. As “listas

rosas”, que continham os nomes dos homossexuais da cidade, foram reincorporadas nas estruturas policiais no pós-guerra. Assim como a Alemanha Oriental, a Alemanha Ocidental também tinha dúvidas de como aplicar o 175. Algumas regiões tinham penas mais leves e outras mais severas. Contudo, o Parágrafo incorporado na nova Constituição deste Estado era o mesmo daquele de 1935, ou seja, do 175b, mas com penas mais leves. (Amir, 2010)

Foi somente em 1957, quando dois homens foram sentenciados pela Lei 175, Oskar K. and Günter R, que o Parágrafo 175 foi seriamente questionado na Alemanha Capitalista. Estes dois homens afirmaram que o Artigo advinha da era nazista e que, portanto, violaria o Artigo 2, Seção 1, da Constituição que afirmava que o cidadão tinha o “livre desenvolvimento de sua personalidade”. Oskar e Günter também afirmaram que a Lei 175 violava a Constituição ao sentenciar apenas os homens homossexuais, e não as mulheres. Conforme a Carta Magna da época, homens e mulheres eram iguais. A ação foi parar na Suprema Corte, mas a moção foi negada.

Somente depois de mais de três décadas da Lei nazista, o Parágrafo sofreu alterações. O sexo consensual entre homens acabou por ser descriminalizado em junho de 1969 na Alemanha Ocidental, 1 ano depois da descriminalização na Alemanha Oriental. A nova versão excluía o 175b, que falava sobre bestialidade, e acabou por ficar muito parecida com a Lei 175 alterada pela vizinha Alemanha Oriental, que condenava, sobretudo, a prostituição e o estupro, mas também a “indecência” (Amir, 2010)

§ 175 Indecência entre homens (1969) (1) Haverá prisão de até cinco anos para: Um homem com mais de dezoito anos que se envolve como parceiro ativo ou passivo em indecência com outro homem com menos de vinte e um anos; Um homem que, ao abusar de uma dependência fundada em uma relação de serviço, trabalho ou emprego, coage outro homem a se envolver em tal ato como parceiro ativo ou passivo; Um homem que profissionalmente se oferece para tal ato como parceiro ativo ou passivo. No caso do n.º 1 do n.º 2 a tentativa é punível. Com parte envolvida que à época do ato ainda não tinha completado vinte e um anos, o Tribunal pode abster-se de punição.

O Artigo 175 só foi abolido por completo na Alemanha em 11 de junho de 1994, 4 anos depois da reunificação da Alemanha Ocidental e Oriental (Kaczorowski, 2015).

Tradução nossa). De acordo com Kaczorowski, nos anos 80 a Comunidade Internacional começara a olhar para a questão dos homossexuais nas Alemanhas. Monumentos ao redor do mundo, como o “Homonumento”, em Amsterdam (1987), e até mesmo em cidades alemãs como Frankfurt (1994), foram erguidos em homenagem aos homossexuais perseguidos durante a ditadura nazista. (Kaczorowski, 2015)

Pierre Seel, em entrevista no ano de 1999, contou um pouco da vida gay na Europa pós-guerra. Em seus relatos, mais uma vez, muito bem detalhados, o sobrevivente das barbáries de Hitler relatou as atrocidades que continuou sofrendo, mesmo com o fim do Partido Nazista: “ameaças de morte, suásticas ou insultos pintados na porta de seu apartamento” (Riethauser, 1999. Tradução nossa). E durante uma cerimônia em sua cidade natal, Estrasburgo, a Prefeita da Cidade, que ironicamente se tornou Ministra da Cultura na França, se recusou a cumprimentar Seel, um ato homofóbico que o fez revisitar seus dias no Campo. (Riethauser, 1999)

Pierre também contou sobre o preconceito de sua família. Logo que ele saiu do Campo, decidiu “ficar no armário”, casou-se com uma mulher e teve três filhos. Posteriormente, quando decidiu escrever seu livro e assumir a sua homossexualidade, sofreu insultos não só da sociedade, mas também de seus entes mais queridos: “Eu nunca vi meus netos”, “Isso me dói, continua meu campo de concentração.”. Após o divórcio, sua esposa tomou para si todos os bens do casal, como dinheiro, móveis e até mesmo fotos antigas de Pierre Seel. (Riethauser, 1999)

Na Alemanha do século 21, as relações homoafetivas foram reconhecidas em 2001, mas o casamento homossexual só foi legalizado somente em 2017, com o voto da atual chanceler alemã, Angela Merkel (Nair, 2019. Tradução nossa). Junto com o casamento homossexual legal, também veio o direito dos casais de mesmo sexo de adotarem crianças. Porém, esta adoção acaba por enfrentar dificuldades diante de profissionais que acreditam que casais homoafetivos não proporcionariam uma boa educação. (Nair, 2019)

Finalmente, em 2017 o governo alemão aprovou uma lei que indeniza aqueles que foram perseguidos durante não apenas o período nazista, mas durante uma grande parte da história do país. A lei concedeu indenizações de 3 mil euros para cada condenado, com adicional de 1,500 euros para cada ano de liberdade privada.

Infelizmente, a maioria dos triângulos rosas já havia morrido quando a lei foi aprovada (Dearden, 2017). Volker Beck, deputado da época em que a lei tramitou no parlamento afirmou: “As vítimas homossexuais do regime nazista foram em sua maioria excluídas da cultura da lembrança da Alemanha no passado. Isso acabou.”. (Deutsche Welle, 2003)

Em 2018, na celebração de 10 anos da construção do monumento em homenagem aos homossexuais perseguidos na Alemanha Nazista, em Berlim, o presidente alemão, Frank- Walter Steinmeier, fez reverência aos triângulos rosas e pediu perdão: “O país deles fez com que eles esperassem demais. Por isso, eu peço hoje perdão por todo o sofrimento e injustiça e pelo longo silêncio posterior” (Deutsche Welle, 2003). Por ironia da história, uma das maiores “Paradas Gay” da Europa é justamente a de Berlim. O evento recebe em torno de 1 milhão de pessoas todos os anos e acontece há mais de 40 anos (Deutsche Welle, 2018).

Podemos concluir, desta forma, que apesar de a Guerra ter terminado, a perseguição aos homens gays não terminou. Na realidade, ela se estendeu por muito mais tempo, até junho de 1994. A vida gay na Alemanha pós nazismo não foi mais fácil do que na Alemanha durante o poder de Hitler, gays continuaram a ser presos e humilhados e a história passara a fechar os olhos para esta população, que só foi reparada em 2017, quando muitos daqueles que foram agredidos já não mais viviam.

Dessa maneira, a duração do Parágrafo 175 na Alemanha mostrou uma enorme falha na justiça desse país e um enorme descaso com este marco da história mundial.

Em última análise, o parágrafo 175 representa uma falha de justiça no período pós-guerra. Os alemães devem refletir sobre sua história e aprender com seus erros. Portanto, recriar ou manter sistemas de opressão influenciados pelos nazistas no período pós-guerra representou um fracasso em chegar a um acordo com a culpa do Holocausto. (Amir, 2010)

Olhando para a história da Alemanha, podemos observar que, desde a criação do Estado, a perseguição aos homossexuais já existia. O Artigo 175 saiu da antiga Prússia para adentrar à República de Weimar. Sobreviveu a Primeira Guerra Mundial, foi endurecido por Hitler e teve seu auge na Segunda Guerra. Quando todos

pensavam que este Parágrafo iria morrer junto das ideias fascistas do partido nazista, ele mais uma vez sobrevive. Foi dividido em dois, no lado Oriental e Ocidental. Mesmo enfraquecido, ele persistiu em ambas as Alemanhas.

Foi em 1994 que este monstruoso, bárbaro, impiedoso, cruel, desumano e tantos outros adjetivos que até mesmo a mais detalhada língua não seria capaz de descrever, finou-se. Com isto, não só a Alemanha, mas o mundo, começava a ouvir àqueles que até então foram silenciados. Para a fúria do que restou de ideias homofóbicas e preconceituosas, monumentos foram construídos, passeatas foram feitas e, a vida, mais plural, tornou-se também mais colorida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O regime nazista, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, foi marcado na história por grandes perseguições políticas a diversos grupos e responsabilizado pelas mortes de milhares de pessoas. Dentre esses grupos, além dos judeus, dos ciganos, dos Testemunhas de Jeová, encontravam-se os homens homossexuais. A busca obsessiva por um ideário nazista e pelo ideal do homem ariano, não se limitava à cor ou à religião, ela adentrava no campo das intimidades, da sexualidade. Elegia o comportamento sexual visto como saudável e moralmente aceito, e condenava, excluía e perseguia aqueles que não se enquadravam à ordem sexual dominante, à heteronormatividade do regime. Tendo isso em vista, nos propomos a conhecer melhor a situação dos gays na Alemanha nazista e entender as razões e as formas de perseguição que sofreram, principalmente durante o período da Segunda Guerra Mundial.

O nazismo não inventou a perseguição aos gays, mas a transformou numa questão de Estado e implantou um regime de terror contra esta população. A discriminação existia desde o século XIX, quando foi criado o Parágrafo 175. Com o início da República de Weimar, os homossexuais, que já não viviam dias fáceis na Prússia, continuaram a ser perseguidos, embora vivessem com relativa tranquilidade. Embora houvesse discriminação, não se fazia, por parte do Estado e da polícia, uma repressão sistemática.

Com a derrota na Primeira Guerra e a emergência do nazismo, a situação

começa a ficar cada vez mais tensa. Quando da chegada dos fascistas ao poder, o Artigo 175 foi alterado e iniciaram-se as denúncias, as perseguições em massa e as humilhações. E não demorou para que os gays fossem enviados aos Campos de Concentração. Não bastasse as constantes humilhações diárias sofridas pela ação da polícia nazista e pelos conservadores, os homens homossexuais, quando no Campo, eram constantemente violentados, verbal e fisicamente, tanto pelos companheiros de cárcere quanto pelos militares. Os gays eram considerados de fato a classe mais baixa e suja dentro de um Campo de Concentração. Para demonstrar isto, utilizamos diversos relatos de homens que foram estuprados e maltratados nos Campos.

A violência, infelizmente, não terminou com o fim da guerra. As Alemanhas foram divididas e o Parágrafo 175 continuou vigorando e sendo utilizado como instrumento de perseguição dos gays, tanto no Leste quanto no Oeste. E foi somente em 1994, que o 175 foi abolido de vez da história alemã. Assim, a pesquisa nos mostrou que a Alemanha tem mais tempo de existência com o Artigo 175 do que sem ele. Nos mostrou também que a discriminação, já existente, foi exacerbada, ou fazendo um excêntrico trocadilho, só saiu do armário. Na verdade, a perseguição, enfatizamos, sempre existiu, porém, o ideário nazista a intensificou, pois não conseguia admitir a presença do gay no universo viril do homem ariano, uma vez que o primeiro não tinha características marcantes masculinas, não procriava e despertava uma grande ira nos fascistas apenas pelo simples fato de ser, de existir.

REFERÊNCIAS

AMIR, Adam A. **The persistense of Paragraph 175: nazi-style justice in postwar germany.** 2010. 45 f. Tese (Doutorado) - Curso de Interdisciplinary Studies, Universidade da Flórida, Florida, 2010. Disponível em: https://ufdcimages.uflib.ufl.edu/AA/00/06/00/12/00001/adamamir-amir-honors_thesis_final.pdf. Acesso em: 15 mai. 2025.

BAER, Brian James. Translation, Transition, Transgender. *Tsq: Transgender Studies Quarterly*, [S.L.], v. 3, n. 3-4, p. 506-523, 1 nov. 2016. Duke University Press. <http://dx.doi.org/10.1215/23289252-3545191>. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/tsq/article-abstract/3/3-4/506/24791/Translation-Transition-TransgenderFraming-the-Life>. Acesso em: 15 mai. 2025.

BEACHY, Robert. **Gay Berlin: birthplace of a modern identity.** Nova York: Vintage

Books, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEARDEN, Lizzie. **Germany to officially pardon 50,000 gay men convicted under Nazi- era law criminalising homosexuality**. *Independent*, 22 mar. 2017, World. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/nazi-law-criminalising-homosexuality-west-paragraph-175-adolf-hitler-pink-triangle-concentration-camps-a7643656.html>. Acesso em: 15 out. 2024.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no *Collège de France* (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GAY Pride: Queer Life in 1934 Germany | Albrecht Becker | USC Shoah Foundation. Alemanha: Usc Shoah Foundation – The Institute For Visual History And Education., 2015. (2 min.), color. Legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nzfZaYQaaqc&ab_channel=USCShoahFoundation. Acesso em: 15 maio 2025.

GERMANY Remembers Gay Victims of Nazis. **Deutsche Welle**. 15 dez. 2003, Germany. Disponível em: <https://www.dw.com/en/germany-remembers-gay-victims-of-nazis/a-1061158>. Acesso em: 15 out. 2024.

HAVAS, Bendegúz. **Paragraph 175**: a comparative study on gay life in east Germany, west Germany, and west berlin. 2019. Monografia (Institute of Sociology and Social Policy) - Faculty of Social Sciences and International Relations, Corvinus University of Budapest, Budapest, 2019. Disponível em: http://publikaciok.lib.uni-corvinus.hu/publikus/szd/Havas_V_Bendeguz.pdf. Acesso em: 21 jul. 2024.

HEGER, Heinz. **The men with the pink triangle**: the true life-and-death story of homosexuals in the nazi death camps. Los Angeles: Alyson Publications, 1994.

HIMMLER, Heinrich. **Homosexuals & the Holocaust**: Himmler Speech on the “Question of Homosexuality” (1937). Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/himmler-speech-on-the-question-of-homosexuality>. Acesso em: 28 set. 2024.

HOLOCAUST MEMORIAL DAY TRUST. **Gay people**. Disponível em:

[https://www.hmd.org.uk/learn-about-the-holocaust-and-genocides/nazi-persecution/gay- people/](https://www.hmd.org.uk/learn-about-the-holocaust-and-genocides/nazi-persecution/gay-people/). Acesso em: 13 out. 2024.

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory**: an introduction. New York: New York University Press, 1996.

KACZOROWSKI, Craig. **Paragraph 175**. 2015. Disponível em: http://glbtqarchive.com/ssh/paragraph_175_S.pdf. Acesso em: 21 jul. 2024.

KOLENBROICH, James E. **Our Hour Has Come**: the homosexual rights movement in the Weimar Republic. 2006. Thesis (Doctorate of Philosophy in History) - University of Illinois, Chicago, 2006. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/53e20e741b0053fc7b6e69a59d3fa74e/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>. Acesso em: 21 jul. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de Açafrão**. Takes Cuts Close-ups. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MARHOEFER, Laurie. **Sex and the Weimar Republic**: german homosexual emancipation and the rise of the nazis. Toronto: University Of Toronto Press, 2015.

MCDONOUGH, Frank. **Gestapo**: mito e realidade na política secreta de Hitler. São Paulo: Leya, 2016.

RIETHAUSER, Stéphane. **Pierre Seel, rescapé de l'horreur nazie**. 1999. Disponível em: <http://riethauser.com/portfolio/pierre-seel-rescape-de-lhorreur-nazie/>. Acesso em: 15 out. 2024.

SAFATLE, Vladimir. Posfácio. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 173 – 196.

SANTOS, D. K. . As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. **REVISTA EPOS**, v. 04, p. 1-25, 2013. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/document?vid=443585a6-90e9-44aa-8c16-2f7776e0abf6>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SCHWAB, Jean-Luc; BRAZDA; Rudolf. **Triângulo rosa**: um homossexual no campo de concentração nazista. São Paulo: Mescla, 2012.

SEEL, Pierre; LE BITOUX, Jean. **Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel**. Paris: Éditions Calmann Lévy, 1994.

SETTERINGTON, Ken. **Marcados pelo triângulo rosa**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

SILVA, Karen Pereira da. Triângulos Rosa: A diversidade memorial dos pioneiros

homossexuais no Holocausto. **Aedos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 80-102, ago. 2019.

STEINMEIER pede perdão por perseguição a homossexuais. **Deutsche Welle**. 3 jun. 2018, Alemanha. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/steinmeier-pede-perd%C3%A3o-por-persegui%C3%A7%C3%A3o-de-homossexuais/a-44059364>. Acesso em: 15 out. 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Background and Timeline: nazi persecution of homosexuals 1933-1945**. Disponível em: <https://www.ushmm.org/information/press/press-kits/traveling-exhibitions/nazi-persecution-of-homosexuals/background>. Acesso em: 13 out. 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia do Holocausto. **Perseguição aos homossexuais durante o Terceiro Reich**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/persecution-of-homosexuals-in-the-third-reich>. Acesso em: 28 set. 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Holocaust Encyclopedia. **Karl Gorath**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/id-card/karl-gorath>. Acesso em 15 mai. 2025.

YAD VASHEM. The World Holocaust Remembrance Center. **Persecución de los Homosexuales por los Nazis 1933-1945**. Disponível em: https://www.yadvashem.org/yv/pdf-drupal/es/education/persecution_homosexuales.pdf. Acesso em: 16 set. 2024.

Recebido em (Received in): 01/09/2025.
Aceito em (Approved in): 02/12/2025.



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.